

APRESENTAÇÃO DA CAPA

Por que nos causa desconforto a sensação de estar caindo? A gente não fez outra coisa nos últimos tempos senão despencar. Cair, cair, cair. Então por que estamos grilados agora com a queda? Vamos aproveitar toda a nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos. Vamos pensar no espaço não como um lugar confinado, mas como o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos. (KRENAK, 2019, p. 14)

A presente edição, cujo título é: “*(Des) construindo epistemologias linguísticas e literárias: a produção de escrita como formas de se pensar liberdades*”, tem como elementos de sua capa, que se constitui uma linguagem visual, aspectos que instantaneamente nos remetem, não ingenuamente, ao universo indígena. A proposta está em um campo, em que a linguagem, para além da escrita, também se articula a outros âmbitos, como a fotografia. O intuito é compor um arsenal de tessituras e de linguagens que tem por propósito a construção de novas maneiras de se pensar os mundos e os universos linguísticos que nos atravessam em diferentes perspectivas. Nesse viés, imbuídos de uma perspectiva inter-(trans)disciplinar, compreendemos, que os sentidos são social e historicamente construídos, tal como nos explica Hall (2016).

Diante disso, a fotografia trazida como elemento de linguagem apresenta um sujeito que segura e fita um livro que está em suas mãos. O sujeito em questão é o professor indígena George Borari, pertencente ao povo Borari que está situado em Alter do Chão - Santarém do Pará. George Borari possui longa trajetória de militância política, engajado principalmente na luta pela educação escolar indígena. É graduado em Licenciatura em Física pela Universidade Federal do Pará (2009), Mestre em Educação Escolar Indígena pela Universidade do Estado do Pará (2022) e, atualmente, doutorando em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI) pela Universidade Federal do Acre (Ufac), na turma indígena que parte de uma proposta alinhada à Década Internacional das Línguas, cujo debate é voltado para políticas que viabilizem o acesso de indígenas nos espaços acadêmicos, entre outras pautas.

O livro que seus olhos fitam com precisão é a Constituição Federal de 1988, traduzida para a língua indígena Nheengatu e publicada em 19 de julho do corrente ano (2023). George

Borari, juntamente com Dadá Baniwa, Edson Baré, Edilson Martins Baniwa, Melvino Fontes Olímpio, Sidinha Gonçalves Tomás, Dime Pompilho Liberato, Gedeão Arapyú, Frank Bitencourt Fontes, Francisco Cirineu Martins Melgueiro e Cauã Borari, participou do processo de tradução da carta magna brasileira do português para a língua Nheengatu, que representa um passo inicial na tomada de direitos e demarcação de espaços sistematicamente negados às comunidades indígenas ao longo de séculos.

Bessa Freire, pesquisador e estudioso das línguas indígenas, aponta que tais línguas sofreram um processo de epistemicídio, e o português, língua “oficial”, é a maior evidência da violência colonial que sobrepujou os saberes, as línguas e as linguagens aqui existentes, desse modo, a tradução de um documento construído e inventado para “guardar” direitos, é um pé na estrada, que se estira à nossa frente, tendo em vista que, hoje, há no território brasileiro mais de 200 línguas indígenas, um universo gigantesco de falantes.

Nesse sentido, a foto que compõe o periódico estabelece um diálogo inicial de percepções e de sentidos, de modo que o esforço é conduzir o leitor a questionamentos. À primeira vista, pode haver os seguintes questionamentos: temos um indígena na capa da edição, mas quem é ele? Que livro ele segura? As inquietações que se apresentam por meio dos trabalhos que compõem o arsenal de textos, de narrativas e de subjetividades que integram um trabalho escrito, corroboram a re/des/construção de ideais. Os kenes (grafismos indígenas presentes na borda) possuem significados variados dependendo de cada povo e comunidade que os usa. Sendo assim, os Kene podem ser compreendidos como elementos escritos que tecem significados. A escrita de um texto acadêmico, marcada pela subjetividade de quem o desenhou em um papel, produz significados e, aqui, valorizamos as produções de sentidos já que elas têm o poder de mudar o mundo, o mundo no universo que nos atravessa como sujeitas/os que deixam rasgos no presente para o passado e para o futuro. Por fim, aproveitemos a liberdade de cair e despencar das certezas e das “verdades”.

Thais Albuquerque Figueiredo

Mestranda do PPGLI/Ufac